

NEGOCIANDO A SEXUALIDADE NA TERCEIRA IDADE: estratégias tecnológicas e biotecnológicas¹

Amanda Raquel da Silva (UFRN/RN)

Palavras-chave: Sexualidade; subjetividade; geração.

Essa pesquisa que está em andamento, objetiva compreender diferentes dimensões da vivência da sexualidade na velhice. Se propõe a entender os efeitos das práticas discursivas sobre corpo, sexualidade e envelhecimento na vida de homens e mulheres de mais de 60 anos de idade, moradores de Natal e algumas cidades vizinhas. Além dos efeitos de diversos discursos (biomédicos, midiáticos, familiares, farmacêuticos etc.), o projeto se propõe a investigar etnograficamente como a sexualidade desses sujeitos está mediada pelo uso de mecanismos tecnológicos e biotecnológicos como smartphones, redes sociais e aplicativos de paquera; assim como pelo consumo de fármacos e outros procedimentos que auxiliam no desempenho sexual e indaga, ainda, pelas negociações para os usos desses mecanismos. Para o desenvolvimento da pesquisa se analisam diferentes paradigmas que coexistem sobre a sexualidade na velhice e que se expressam por meio de agentes concretos: terapeutas, médicos, agentes comunitários de saúde, enfermeiras, blogueiros, vizinhos, promotores culturais, autoridades religiosas, programas de saúde etc., mas também se privilegia uma perspectiva biográfica que permita, a partir da narração de cada uma das pessoas que participam na pesquisa, identificar o papel que desempenha a sexualidade na sua vida e os vínculos que ela tem com outros aspectos, com destaque para a classe, a raça e o gênero.

Aqui, serão utilizadas as categorias “terceira idade” e “idosos” para tais interlocutores acima dos 60 anos de idade, por essas serem expressões que recentemente e com muita rapidez se popularizaram no vocabulário brasileiro. Tal faixa etária foi adotada enquanto critério apenas para facilitação de metodologia, por ser uma idade que os programas sociais do Brasil consideram enquanto terceira idade. De acordo com Debert (1999), para seu uso, entre os pesquisadores do estudo da velhice, essa não se refere necessariamente a uma idade cronológica, mas uma forma de tratamento das pessoas de “mais idade”, que não adquiriu ainda uma conotação depreciativa. Assim, a

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

identidade da “terceira idade” generaliza diferentes experiências da velhice e as resume em um conjunto de características, que pode limitar a diversidade de modo de vida próprios ao processo de envelhecimento. Desse modo, é importante considerar a heterogeneidade das experiências dentro desses grupos e foi através disso que após diversas tentativas de homogeneização das representações da velhice, uma nova categoria social foi produzida: as pessoas idosas, como um conjunto autônomo e coerente que impõe outro recorte à geografia social, autorizando a colocação em prática de modos específicos de gestão. Ainda assim, neste plano de estudos se reconhece que a idade não define a velhice e por isso se tomará cuidado ao indagar se as pessoas entrevistadas se sentem ou não “velhas”. Logo, a terceira idade ou velhice não comporta um único conceito, uma vez que a idade cronológica pode não ser idêntica à idade biológica e social do indivíduo.

Nas ciências sociais no Brasil, pesquisas sobre sexualidade na terceira idade começaram a aparecer timidamente nos anos 80 e 90, mas proliferaram rapidamente nas áreas da gerontologia, das ciências da saúde e da psicologia. O aumento de pesquisas neste âmbito vai além da relação com o aumento populacional, mas, como alerta Debert (1999), o que parece estar acontecendo desde então é que a sexualidade na terceira idade adquiriu contornos de um novo “problema social”, pois passou a mobilizar discursos especializados de grupos com interesses e ideologias diversos.

Nos últimos anos, acompanhamos no país um maior interesse ativista e acadêmico pelas pesquisas envolvendo gênero e sexualidade, entrelaçadas ao curso de vida, sobretudo ao envelhecimento. Esse ativismo tem crescido e se mostrado expressivo no sentido de se opor a uma visão negativa da velhice. Especialmente a gerontologia se esforçou por mostrar que uma sexualidade gratificante era indispensável para o bem-estar na terceira idade. A importância da ideia da sexualidade politicamente correta, que não tem a ver com reprodução, clandestinidade, obscenidade, mas que melhora a saúde, segundo esses discursos, é fundamental para autoestima dos indivíduos. Assim, começa a se tornar convencional a ideia da sexualidade que não se extingue com o passar dos anos, mesmo com as modificações corporais.

Assim, a ideia da velhice assexuada transita para uma de quase obrigatoriedade da vida sexual no curso da velhice (DEBERT e BRIGEIRO, 2012). A sexualidade sai do apagamento e vira uma parte fundamental das prescrições gerais para se alcançar envelhecimentos que sejam admirados e considerados “saudáveis”, “positivos” e “bem-

sucedidos”. Alguns autores têm chamado esse conjunto de transformações de “processo de erotização da velhice” (DEBERT, HENNING, 2015, p. 15) e alertado para a associação entre felicidade, qualidade de vida e uma vida sexual gratificante.

Da gerontologia e outras disciplinas especializadas, passamos a uma circulação social mais expandida dos novos paradigmas sobre a sexualidade movida pela crítica aos estigmas que liam o envelhecimento como uma fase de ausência, falta e deterioração. Com isso, os esforços por reenquadrar as compreensões dessa não passaram só pela redefinição ética e valorativa, mas apontaram a necessidade do desenvolvimento de políticas públicas específicas que reconhecessem, por exemplo, a urgência da promoção da saúde sexual das pessoas idosas.

Como consenso, entendemos hoje que o envelhecimento é um processo que envolve fenômenos de natureza biológica, social, cultural, psicológica e existencial. A partir desse entendimento, e do aumento das pesquisas no século passado, a velhice tornou-se assunto social no Brasil, aparecendo muito mais notoriamente em trabalhos acadêmicos de outras áreas do conhecimento, como objeto de demandas ativistas e como objeto das políticas públicas. Apesar das dificuldades que enfrentam os mais velhos em matéria de acesso a serviços e de aceitação social, há, sim, uma maior expectativa de vida e melhorias de acesso a tecnologias de saúde, que não anulam, claro, as diferenças engendradas pelas desigualdades sociais. Alguns autores apontam que a terceira idade deixou de ser sinônimo de decadência e doença, para ser vista como um tempo privilegiado para atividades livres dos constrangimentos do mundo profissional e familiar (DEBERT, 1997). Com isso, ocorre também uma possibilidade de extensão da vida sexual e da qualidade da experiência sexual na velhice, que também virou foco de programas, campanhas e interesses comerciais.

De acordo com Rodrigues (2006) também citado por Silveira e Nade (2014), apesar das mudanças supracitadas, coexiste com o novo enquadramento uma visão do envelhecimento que enfatiza somente os aspectos negativos, considerando apenas as perdas, sob um olhar parcial que atenta para o desenvolvimento do indivíduo genérico e ignora uma série de processos que podem ser levados em conta numa avaliação mais compreensiva e sensível dos processos vitais. E, ao mesmo tempo, podemos encontrar combinações das duas visões em setores específicos que consideram a terceira idade como tempo produtivo, mas individualizam a compreensão do processo de envelhecimento ou o colocam só ao serviço da produtividade socioeconômica. Guita

Debert (1997) fala da reprivatização da velhice, que envolve uma transformação desta em uma responsabilidade individual, sendo resultado de uma interlocução intensa entre o discurso gerontológico, o público mobilizado nos programas para a terceira idade e a mídia.

De acordo com Debert e Brigeiro (2012), a argumentação dos especialistas tem tido duas posições aparentemente contraditórias. Defendem, mesmo que idealmente, que a sexualidade não depende da idade dos sujeitos e ao mesmo tempo sustentam que o envelhecimento facilitaria uma experiência sexual mais gratificante. Atualmente, passamos a ver o panorama da sexualidade na velhice como um ideal que é propagado por gerontólogos, especialistas do tema e inclusive a mídia, colocando a velhice como capaz de trazer uma nova forma de experimentar a sexualidade. Ou seja, temos sido bombardeados por notícias relativas a promessas de novos produtos, em especial farmacológicos, destinados a melhorar o desempenho físico e sexual, com significativas marcas de gênero (ROHDEN, 2017, pg. 30), como o viagra para homens e remédios para tratar disfunções sexuais femininas, com reposições hormonais ou dispositivos para aumentar a libido. De acordo com Rohden (2017), diferentes formas de sexualidade que costumeiramente são prescritas e incentivadas parecem compactuar, em termos gerais, com as normas heterossexuais predominantes em nossa sociedade. Sobre essa desproporcional forma de envelhecer, positivada para homens e encarada como negativa para mulheres, Susan Sontag (1972 apud PUSSETTI; PIRES, 2021, p. 216) fala de um “duplo padrão do envelhecimento”.

Na vida cotidiana das pessoas enquadradas ou auto reconhecidas como idosas temos visto que frequentemente elas também enfrentam visões e discursos aparentemente contraditórios e que cada uma os recebe, significa e traduz com as ferramentas concretas que têm à mão. Vemos atualmente mais pessoas dispostas a aderir às práticas e valores de um “envelhecimento ativo”. Ou seja, ao invés de se recolherem na solidão, isolamento, depressão, esses sujeitos parecem mais engajados em fazer dessa etapa mais avançada da vida um terreno de múltiplas e distintas possibilidades criativas. Contudo, isso não anula o peso dos estigmas que são associados à velhice, as dificuldades (especialmente das pessoas mais pobres) para se adequar aos padrões de sexualidade, beleza e a estética ou com as normas morais familiares, religiosas e de vizinhança que patologizam o desejo das pessoas mais velhas ou o tornam uma piada. Ainda, aparecem os desafios associados às negociações indiretas com a indústria farmacêutica que insiste na função erétil; com

os parceiros sexuais para o uso do preservativo ou de outras formas de proteção de ITS, com as tecnologias que virtualizaram as paqueras, com os tempos dedicados ao cuidado de si e ao cuidado dos outros, com à cobrança de atividades sexuais para mulheres que querem se livrar dessa obrigatoriedade ou dos homens que tentam que não seja percebido ou nomeado o uso de Viagra, entre outros muitos exemplos de como se manifestam os paradigmas mencionados no dia a dia das pessoas.

Aqui, não tento negar as diferenças orgânicas que modificam as atividades sexuais, mas, mesmo com as alterações que podem ocorrer ou não ao longo da vida, pretendo indagar etnograficamente a ideia que aponta uma perda de desfrute de relações sexuais como uma norma ou regra social do envelhecimento; considerando como premissa que muito desse suposto declínio da atividade sexual decorre do dos contextos sociais, culturais e de classe e dos estigmas que os grupos de referência constroem sobre o envelhecimento. Ao mesmo tempo, vale a pena salientar que não estou propondo reforçar uma nova norma social que estabeleça a obrigatoriedade da sexualidade na velhice. Essa última visão, que surgiu como resposta crítica aos paradigmas clássicos, engendrou, às vezes, espécies de “ditaduras da vida plena” que exigem dos adultos um grau elevado de autovigilância em saúde, de atividades consideradas mental e fisicamente saudáveis e o exercício quase normativo da sexualidade. Assim, o interesse não se restringe apenas aos processos emocionais e subjetivos vivenciados pelas pessoas na velhice, mas também aos usos biotecnológicos, como o recurso a fármacos que exigem que os corpos se adequem a um modelo ideal da velhice e da sexualidade na velhice.

Desse modo, com que atores e com quais elementos se dão as negociações sobre corpo, sexualidade e envelhecimento entre pessoas enquadradas como idosas na cidade de Natal e sua área metropolitana? Qual o papel das tecnologias e das biotecnologias na experiência da sexualidade de pessoas de mais de 60 anos em Natal e área metropolitana?

As entrevistas têm sido focadas nas suas histórias biográficas, com foco na vida afetiva e sexual com o objetivo de descrever as experiências vivenciadas acerca do tema, a partir de memórias da trajetória de vida e discursos atuais de como encaram a sexualidade nesse momento, a terceira idade. Tem sido buscada uma perspectiva biográfica por considerar que assim será possível analisar o peso que a sexualidade tem na vida desses sujeitos, como por exemplo: o nível de importância, se a opinião da família é importante, se ocorre uma pressão social sobre o tema etc. Assim, poderemos entender

através desses, a relação que eles dão à sua sexualidade nesse momento de vida com os outros aspectos da sua trajetória vital.

Além disso, o formato biográfico mostra que os mesmos sujeitos utilizam a narração para contar acontecimentos em tom de comparação com a vida “anterior” ou fase anterior, mostrando que a própria história pode ser ferramenta para as pessoas narrarem fatos do seu presente. Ou seja, a organização das lembranças individuais e contação de seus cotidianos atuais tem sido interessante quando tratamos de um grupo que nem sempre é tido como sujeito ativo nas pesquisas sobre sexualidade.

Além das entrevistas individuais, também estou me aproximando de associações e redes de sociabilidade afetivas de alguns interlocutores, tencionando acompanhar seus modos de circulação e as teias emocionais que permeiam suas paqueras, amizades etc. A partir desses locais estão sendo feitas entrevistas com gestores culturais que organizam eventos e bailes voltados para essa faixa etária, tentando apontar como a “velhice” é identificada por eles, quais paradigmas estão aderindo e os motivos para a construção de atividades específicas para pessoas acima dos 60 anos de idade, fazendo ainda a interseção de classe.

De dificuldade à desenvoltura de habilidades: usos tecnológicos e envelhecimento

Além desses locais de circulação, tenho mantido contato via *WhatsApp* com alguns interlocutores da pesquisa anterior que empreendi para o mestrado. Mantive o contato constante somente com duas das seis mulheres que contribuíram com a dissertação. E agora, para a pesquisa de tese, tenho contato com três homens e duas mulheres, todos via *WhatsApp*.

Os diferentes perfis de idosos são um alvo constante para a utilização de novas tecnologias de informação e comunicação (TICs), já que essas promovem uma maior facilidade no relacionamento interpessoal. De acordo com pesquisa² realizada pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil), em parceria com a *Offer Wise* Pesquisas, houve um aumento do uso

² Fonte: <https://cndl.org.br/varejosa/numero-de-idosos-que-acessam-a-internet-cresce-de-68-para-97-aponta-pesquisa-cndl-spc-brasil/> (Acessado em 22/03/22)

de internet por pessoas com mais de 60 anos de idade, que subiu de 68% para 97%, entre os anos de 2018 e 2021. Ainda de acordo com a pesquisa, o principal meio de acesso é o *smartphone*, citado por 84% dos idosos³ que usam a internet.

Podemos ter com isso uma visão privilegiada de debate sobre aspectos concernentes à interesses de pessoas acima dos 50 anos de idade no Brasil. Logo, talvez poderemos ter uma pequena “tradução” da realidade dessa faixa etária com relação aos usos da internet e do *smartphone*.

Afinal, os usos da internet impactam os modos como agimos, como nos relacionamos, como construímos narrativas, como nos entendemos e entendemos a vida (processos de construção de subjetividades), na maneira como nós nos lembramos de acontecimentos e até mesmo formulamos novos tipos de memórias.

A partir dos cuidados que ainda são necessários devido ao período pandêmico, durante um certo período fiquei com receio de entrevistar pessoalmente pessoas mais velhas, pois poderia ser arriscado e, obviamente, tenho uma grande preocupação com relação a eles e elas. Pensei então em aproveitar os contatos que já mantinha via redes sociais, que neste caso, me refiro a rede social de mensagens instantâneas *WhatsApp*.

Débora Leitão e Laura Gomes (2017), escrevem sobre etnografias em ambientes digitais e citam Pelúcio (2016) ao falarem como a pesquisadora teve o *WhatsApp* enquanto recurso privilegiado em sua pesquisa, e a partir disso, trouxe questões metodológicas importantes. Como por exemplo, as conversas muito mais imediatas; e a conectividade que passa a ser perpétua, o que é um reflexo do modo em que contemporaneamente temos vivenciado tais plataformas. Sobre isso, a novidade para este tipo de etnografia é que, de certo modo, o pesquisador fica à disposição do trabalho de campo de modo contínuo e permanente, a qualquer horário do dia e da noite.

Nessa minha experiência foi possível notar que o tempo e o momento não é nem perto algo decidido pelo pesquisador. Recebi, por exemplo uma mensagem de um interlocutor homem, quem eu já havia tomado alguns “cuidados” com relação a demarcar bem a minha figura enquanto pesquisadora e dele como colaborador da pesquisa. Isso porque, recebi chamadas em horários considerados “inapropriados”, como ao exemplo de

³ Para a OMS idoso é todo indivíduo com 60 anos ou mais. O mesmo entendimento da Política Nacional do Idoso (instituída pela lei federal 8.842) de 1994 e do Estatuto do Idoso (lei 10.741) de 2003. Fonte: <https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/reportagem/quem-e-a-pessoa-idosa>.

uma ligação por vídeo em um horário bastante tarde da noite de um domingo, sem que tivéssemos marcado nada. Além disso, ser mulher jovem interessada em entender sobre relacionamentos e sexualidade de homens acima dos 60 anos, aparentemente, pode ter causado algum tipo de interpretação errônea e neste caso em específico, o interlocutor havia já me falado que seu “estilo de mulher” é justamente mulheres mais novas que ele, “assim, na faixa dos 30 e poucos anos”.

Certo dia, após modificar minha foto de perfil desse aplicativo de mensagens instantâneas, citado anteriormente, esse interlocutor me envia uma mensagem simples pela plataforma, que dizia: “Oi, amiga teus cabelos te deixa muito gata”. Preocupada novamente e sem querer ser ofensiva com um interlocutor, respondi pelo seu sobrenome perguntando como ele estava e em resposta me enviou: “Já concluiu sua pesquisa? Desejo sucesso”.

Trago aqui tal situação porque ela me remete ao fato do pesquisador on-line passar a ser um constante “stalkeado”, por aqueles que participam e transitam pelos ambientes de seu campo de pesquisa. Uma situação permanente de observador-observado, conforme trazido pelas autoras Leitão e Gomes (2017). Assim, se passa a construir uma conexão permanente, com grande associação entre identidade civil e identidade on-line e por isso, aderi a maiores cuidados com relação às minhas postagens, assim como minha linguagem utilizada.

As pesquisadoras, ainda, apontam que nesse formato de pesquisa é preciso ir além do simples registro dos conteúdos que vemos nesses ambientes, ou até do que é narrado pelos nossos interlocutores de pesquisa. Por isso, é necessário observar igualmente os usos que nós mesmos fazemos nestas plataformas. Por exemplo, constantemente tenho recebido convites para eventos, como forrós, bailes, passeios, eventos direcionados para pessoas acima dos 60 anos de idade. Algumas mulheres que conheci nesses espaços mantêm esse espaço de diálogo, principalmente para convites mesmo e as vezes falam mais sobre seus cotidianos.

Algumas conclusões iniciais

Um ponto importante a se relatar é a percepção constante de que as pesquisas etnográficas definitivamente não seguem o passo a passo de acordo como é planejado

inicialmente pelo pesquisador e, apesar de num primeiro momento proporcionar um nervosismo, também traz consigo um dos encantos que sempre me deparo com a Antropologia: seus tantos desdobramentos possíveis sem que possamos prever.

Atualmente estou no momento de inserção em campo e por isso, muitas informações estão sendo recolhidas e pela agilidade dos dados, ainda não consegui trazer neste artigo noções mais abrangentes sobre tudo. Ainda assim, tem sido interessante circular em espaços em que preciso tomar “cuidados” redobrados e “posturas” mais “rígidas” perto de homens, por exemplo, enquanto com mulheres já sou acolhida prontamente. Passei por algumas situações que me fizeram repensar se continuaria ou não com as entrevistas com homens, cis e héteros, mas, continuei, aumentando ainda “cuidados” com vestimentas e postura. Frases como: “gosto de novinhas” me faziam ter maiores aflições em alguns desses espaços. Ainda, também em alguns momentos senti um olhar desconfiado de algumas mulheres, como se eu estivesse ali como uma “disputa” naquelas arenas de paquera. Enfim, só algumas observações ainda bem superficiais, mas que estão sendo pontuadas no decorrer dessa empreitada etnográfica.

Referências:

DEBERT, G. G. “A Invenção da Terceira Idade e a Rearticulação de Formas de Consumo e Demandas Políticas”, in Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 12, no 34, 1997.

DEBERT, Guita Grin. A reinvenção da velhice. São Paulo: Edusp, 1999.

DEBERT, Guita Grin; BRIGEIRO, Mauro. Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice. Revista Brasileira de Ciências Sociais vol.27, São Paulo, Anpocs, 2012, pp.37-54.

DEBERT, Guita Grin; HENNING, Carlos Eduardo. 2015. Velhice, gênero e sexualidade: revisando debates e apresentando tendências contemporâneas. MAIS 60 – Estudos sobre Envelhecimento, São Paulo: Edições Sesc, v. 26, n. 63, p. 8-31, dez. 2015.

PUSSETTI, Chiara; PIRES, Isabel. ‘Envelhecer hoje, é uma escolha’. Responsabilidades, obrigações e promessas de juventude eterna. In: Biotecnologias, transformações corporais e subjetivas: saberes, práticas e desigualdades [recurso eletrônico]/Organização Fabíola Rohden, Chiara Pussetti, Alejandra Roca. — Brasília, DF: ABA Publicações, 2021. 362 p.

ROHDEN, Fabíola. Vida saudável versus vida aprimorada: tecnologias biomédicas, processos de subjetivação e aprimoramento. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 23, n. 47, p. 29-60, jan./abr. 2017.

SILVEIRA, Luciana; NADE, Maria Beatriz. Envelhecimento e gênero: construções sociais que orientam práticas violentas. Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio: Saberes e práticas científicas. 2014.